

GT: 1. Migração

Migração Feminina: mulheres venezuelanas na Região Norte de Londrina/PR

Beatriz Costa Tochi ¹
Evelyn Secco Faquin²

Resumo: O trabalho teve como objetivo identificar as condições socioeconômicas das migrantes venezuelanas residentes na Região Norte de Londrina/PR. Os procedimentos metodológicos prezaram pela abordagem qualitativa e se efetivaram por meio de revisão bibliográfica e pesquisa documental. A pesquisa documental foi realizada na base de dados do IRSAS³, a partir da identificação de 178 migrantes venezuelanas. No estudo foi possível identificar que as migrantes residem em condições precárias, havendo uma concentração na Ocupação Flores do Campo, tiveram acesso à educação escolarizada e contam com restrito acesso à renda.

Palavras-chave: Fluxos Migratórios Internacionais; Migração Feminina; Migração Venezuelana; Londrina/PR.

Abstract: The study aimed to identify the socioeconomic conditions of Venezuelan migrants living in the Northern Region of Londrina/PR. The methodological procedures prioritized the qualitative approach and were carried out through bibliographic review and documentary research. The documentary research was carried out in the IRSAS database, based on the identification of 178 Venezuelan migrants. In the study, it was possible to identify that the migrants live in precarious conditions, with a concentration in the Ocupação Flores do Campo, had no access to schooling and have limited access to income.

Keywords: International Migration Flows; Female Migration; Venezuelan Migration; Londrina/PR.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tematiza os fluxos migratórios internacionais contemporâneos, a migração feminina e as particularidades da chegada de mulheres, particularmente venezuelanas, no Brasil. Assim, o objetivo foi identificar as condições socioeconômicas das migrantes venezuelanas residentes na Região Norte de Londrina/PR.

¹ Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: beatrizcostatochi@gmail.com.

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: evelynsecco@uel.br.

³ Informatização da Rede de Serviços Socioassistenciais.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Os procedimentos metodológicos prezaram pela abordagem qualitativa e se efetivaram por meio de revisão bibliográfica, a qual possibilitou a construção do referencial teórico, pesquisa documental e subsidiou a análise dos dados. Para a pesquisa documental, partimos dos cadastros presentes no IRSAS,

No âmbito da política de assistência social o IRSAS é utilizado em todas as suas unidades de atendimento, em todos os seus serviços, inclusive na gestão local dos programas de transferência de renda do governo federal e municipal e na gestão de benefícios municipais (Londrina, 2019).

Para a coleta de dados no sistema, realizada no ano de 2023, foram utilizados os filtros ‘mulheres’; ‘refugiada’; venezuelana e ‘zona norte B’. A partir do processo descrito, foram identificadas 178 mulheres. As informações coletadas foram: bairros de residência; escolaridade; composição familiar (os membros da família) e suas rendas familiares e per capita.

Este trabalho está dividido em três seções, a primeira faz aproximações ao debate sobre os fluxos migratórios internacionais contemporâneos. A segunda apresenta compreensões acerca da migração feminina, tensões da sociedade venezuelana e a migração de mulheres venezuelanas para o Brasil. A terceira traz as condições socioeconômicas das migrantes venezuelanas residentes na Região Norte de Londrina/PR, seguida das considerações finais.

1 APROXIMAÇÕES AO DEBATE SOBRE OS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNACIONAIS

Tematizar as migrações em uma sociedade capitalista exige o entendimento de que “a imigração e emigração fazem parte de um mesmo processo social, sendo um fenômeno que comporta transformações na esfera social” (Baeninger, 2017, p.15). Podemos considerar que “as migrações são como a “água””, um fenômeno natural na história da humanidade” (Quintanilha; Segurado, 2020, p. 113), em algum momento pessoas foram forçadas ou se sentiram à disposição para fazer esse trajeto, “isso porque entendemos a migração como ir ou sair para talvez voltar ou ficar” (Dutra, 2013, p. 35).

Para compreender os fluxos migratórios internacionais, se torna necessário compreender o que é ser imigrante. Segundo Sayad (1998) para entender o que é

ser um imigrante precisamos conhecer a condição histórica do país ou até mesmo do próprio sujeito.

Neste sentido,

de fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território: o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa (Sayad, 1998, p. 16).

Observamos que, o imigrante é aquele que sai de seu espaço habitual e se instala ou apenas se mantém em um determinado território. Nas palavras de Dutra (2013) o estranho (estrangeiro) que vem de fora está numa situação de mobilidade *ipso facto* e nesse transitar (migração) carrega no seu corpo marcas de ser alguém diferente.

Este sujeito muitas vezes tem seu deslocamento por conta de condições fundamentais⁴, que são parte da estrutura social e econômica do país. Temos então em um sentido mais contextualizado a “ideia de uma massiva migração forçada decorrente dessas lógicas de expulsão capitalista” (Quintanilha; Segurado, 2020, p. 86). Essas lógicas fazem parte da ideia de que o imigrante precisa de um trabalho para se manter diante das condições impostas por este modo de produção, pois “as migrações internacionais tenderão a se intensificar, correspondendo à mesma velocidade da mobilidade do capital” (Baeninger, 2017, p. 13).

Este ideal percorre desde as primeiras imigrações porque o centro⁵ era e ainda é “o recurso em massa para as necessidades de sua indústria, a uma mão-de-obra de colonizados” (Sayad, 1998, p. 19), com a perspectiva capitalista de exploração.

Entende-se que o modo de produção capitalista exige, para sua manutenção, a existência de excedentes de trabalhadores para viabilização da expansão da produção. A mão de obra excedente, se torna essencial à reprodução do capital. Na

⁴ “O aumento das desigualdades entre países ricos e pobres durante o século XX, a evolução nas tecnologias de transporte e a globalização sugerem que migrações internacionais estariam expandindo-se rapidamente. [...] A complexidade dos movimentos, porém, é crescente; podendo-se definir, aqui, quatro grandes processos: uma pressão migratória dos países em desenvolvimento para países desenvolvidos (migração Sul-Norte); a maior mobilidade de uma elite global entre países desenvolvidos e redes globais, fruto do enriquecimento e da complexidade produtiva nessas sociedades (Norte-Norte); a mobilidade entre países em desenvolvimento (Sul-Sul); e, por fim, a consolidação e o aumento no número de refugiados” (Fialkow, 2016).

⁵ “É parte presente da história da imigração no Brasil, notadamente para aqueles pertencentes a classe trabalhadora” (Villen, 2015, p. 248).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

realidade, “a migração se constitui como movimento “necessário” ao desenvolvimento capitalista” (Rossini, 1986, p. 578).

Segundo Sayad (1998) pode-se dizer que esta é uma característica estrutural de todas as negociações relativas aos problemas de migração: a vantagem sempre e imediatamente se encontra do lado do país de imigração, país rico a ponto de liberar um “excesso” de empregos desvalorizados (ou que, por causa disso, foram desvalorizados).

Villen (2015) expõe que talvez a particularidade da força de trabalho dos periféricos na periferia tenda a se revelar na combinação de aspectos ligados à sua própria condição de imigrante. Em direção de conhecer melhor sobre o que seria essa condição de *periféricos da periferia*, vemos que

nesse sentido, é preciso, antes de tudo, entender as características dessa base sócio-histórica da imigração em sua relação com o trabalho, ou seja, a particularidade da força de trabalho de imigrantes e refugiados provenientes de países periféricos que, por meio dos deslocamentos internacionais, se encontram novamente vivendo e trabalhando num país periférico: daí a denominação periféricos na periferia (Villen, 2015, p. 250).

Neste contexto, a migração internacional tende a ser cada vez mais, de países periféricos em direção à periferia do capitalismo em especial pelas políticas restritivas à imigração dos países centrais.

Para Sayad (1988, p. 54) o imigrante, é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária e em trânsito. Este sujeito além de ser definido como trabalhador, será definido como trabalhador imigrante por suas condições históricas, “[...] única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, primeiro, mas também como homem - sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante (Sayad, 1998, p. 55).

Essas definições que surgiram para os imigrantes estão todas ligadas ao trabalho, assim como vemos que “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho” (Sayad, 1988, p. 55), ou seja, na busca de novas perspectivas de vida, mas sempre em torno das possibilidades de trabalho.

Nas palavras de Villen (2015, p. 258) sobre o imigrante, sua causa continua sendo o peso da busca por trabalho, com sacrifícios, custos e entraves implicados: o endividamento, a distância de familiares, a restrição dos vistos, a imobilidade que se impõe posteriormente.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Os imigrantes vivenciam uma constante busca por melhores condições de vida e sobrevivência, principalmente pela via da procura de postos de trabalho, mas que muitas vezes essa busca é coberta de dificuldades. Villen (2020) vai direcionar este debate dizendo que nas periferias do sistema seus efeitos sociais são sempre mais cruéis pois se acentuam com a aplicação dos ajustes estruturais com seus efeitos sociais perversos, combinando-se também com a ação de problemas estruturais históricos, típicos dessa formação socioeconômica, como as acentuadas desigualdades e o racismo.

Villen (2015) contribui também sobre como os brutais índices de desemprego e de trabalhos precários são bastante ilustrativos da profundidade desta crise. Acrescentando sobre os imigrantes que vem ao Brasil vemos que este

continua sendo um país da periferia do capitalismo, ou seja, o trabalho aqui é pesado e vale pouco. Mas, a despeito disso, ainda é uma via para se buscar melhores condições de vida em relação àquelas encontradas no país de origem (Villen, 2015, p. 259).

Quintanilha e Segurado (2020) também apresentam que há um ciclo inédito de migrações forçadas, representado pelos chamados “novos refugiados” que buscavam asilo como resistência às ditaduras e intervenções imperialistas.

Assim, discutir os fluxos migratórios contemporâneos é apontar o aumento em regiões pelo mundo da saída e chegada de pessoas, seja a partir de crises, ou busca da reconstrução da vida em outro lugar. No que nos diz Silva (2022) os deslocamentos forçados se mantêm como uma tendência crescente no contexto da mobilidade humana internacional.

Silva (2022) manifesta que essa transformação se acelera no período 2016-2021 impulsionada, principalmente, por fenômenos migratórios latino-americanos que vão repercutir na realidade espacial interna e externa do refúgio no Brasil, considerando países de nascimento e localidades de entrada, passagem e residência das pessoas refugiadas ao ingressar no território nacional.

No que tange à particularidade brasileira, Villen (2015) vai expor as linhas gerais dos fluxos na atualidade em sua relação com o trabalho, sugerindo uma divisão em *dois grupos*, segundo os países de proveniência e a modalidade predominantemente indocumentada de entrada no país.

Villen (2015) indica que o *primeiro grupo* se refere aos fluxos de nacionalidade provenientes do Mercosul (Argentina, Uruguai e Paraguai) e países associados (Bolívia, Colômbia, Chile e Venezuela). Encontra-se na categoria de *segundo grupo* “a nacionalidade haitiana (depois de 2010, data do terremoto) como principal representante de grupo” (Villen, 2015, p. 252). Nas palavras de Villen (2015) esse segundo grupo também é composto por nacionalidades periféricas muito diversificadas da África, Ásia e países da América Latina não membros ou associados ao Mercosul.

É majoritariamente acentuado o número de mulheres que migram, e maior parte destacada também de mulheres venezuelanas que vem para o Brasil desde do período dos anos de 2017, constatamos que,

entre os anos de 2017 e 2018 houve um crescimento de 73,7% no número de solicitações de refúgio das venezuelanas. Em 2019 (26.026) o número de solicitações ficou próximo ao de 2018 (26.550). Já em 2020, o número de solicitações de refúgio sofreu com uma queda de -68,4%, comparando com 2019, devido à pandemia de COVID-19, os fechamentos das fronteiras e as proibições de viagens (Tonhati; Pereda, 2021, p.161).

Há um destaque significativo no que se diz respeito aos fluxos de migrações da Venezuela e outros países. Esses “deslocamentos humanos orientados por crises sociais e políticas são observados de maneira muito contundente em países como Venezuela e Haiti” (Silva, 2022, p. 49).

Os fluxos migratórios contemporâneos possuem características muito particulares, pensando na vinda de imigrantes de países em crises políticas e humanitárias, que não atendem as demandas básicas deste público devido a circunstâncias vivenciadas no país, “essa reconfiguração dos fluxos migratórios sulamericanos tem correspondido um esforço dos governos e dos organismos internacionais para incluir o tema na agenda dos debates do subcontinente” (Peralva, 2008, p. 13).

Podemos perceber que os fluxos da migração são diversos, como vemos “os fluxos “emergenciais” (visto humanitários, solicitantes de refúgios, imigrantes em situação indocumentada) apresentam uma continuidade, senão o aumento nos últimos anos, apesar do contexto de crise e desemprego no país” (Villen, 2020, p. 55). É considerável que o aumento dessas migrações seja cada vez mais recorrente, sobretudo a migração feminina.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

2 A MIGRAÇÃO FEMININA NO BRASIL: PARTICULARIDADES DO FLUXO VENEZUELANO

A temática de gênero também afeta diretamente a migração. As mulheres são alvo da sociedade patriarcal que as oprime e inferioriza, sendo que a condição de imigrante agrava esse cenário.

Marinucci (2007) afirma que os deslocamentos humanos como consequência de constrangimento estruturais, focaram mais a questão de classe, relativizando a abordagem de gênero, silenciando a condição de inferioridade que as mulheres sofriam na incorporação ao mercado capitalista.

Os estudos de gênero no campo da migração agregam visibilidade para o fluxo atual das saídas dessas mulheres de seus países, uma vez que “alguns teóricos das migrações entendem que as mulheres migrantes, apesar de participarem intensamente dos fluxos há várias décadas, permaneceram invisíveis nas abordagens analíticas” (Marinucci, 2007, p. 10), principalmente no que tange à especificidade de sua experiência migratória.

Lisboa (2006) afirma ainda que os estudos sobre migrações têm ignorado as mulheres, colocando-as em posição de dependência dos homens, tornando-as invisíveis. É observado que “na longa jornada em busca de segurança, sofrem com a indiferença oficial, a perseguição e, não raro, com abusos e a consequente estigmatização por sua condição de mulher [...]” (Costa; Schwinn, 2017, p. 7).

Segundo Peres e Baeninger (2012) apontam que o reconhecimento da entrada das mulheres em fluxos migratórios forçou um avanço teórico que explicasse, além dos motivos de atração ou repulsão econômica, os fatores que levam mulheres a migrar.

A migração feminina ou a feminização da migração ocorre por diversos fatores, entres eles veem que “a maioria das mulheres que migraram e se encontravam na condição de casadas, esperaram pela estabilidade de seus maridos que foram os primeiros a emigrar” (Patarra; Fernandes, 2011, p. 76). Ocorre também que na migração feminina,

a utilização do domicílio e da família como unidade de análise nos estudos de migração não apenas incorpora as mulheres ao fenômeno, mas também

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

expande o leque de explicações para um determinado fluxo migratório. (Peres; Baeninger, 2012, p. 9).

Nas palavras de Ramos e Dias (2020) tais fluxos não se apresentavam especificados em função do critério do sexo, ainda que as mulheres fizessem parte do processo, estas eram visualizadas como acessórias, na condição de esposas no quadro do reagrupamento familiar.

De acordo com Marinucci (2007), está ocorrendo uma maior visibilidade das mulheres em decorrência da difusão, embora incipiente, da abordagem de gênero como critério epistêmico que possibilita uma compreensão mais abrangente das migrações internacionais.

Para Peres e Baeninger (2012), a transformação dos papéis de gênero ao longo da migração – dada principalmente à entrada das mulheres do domicílio no mercado de trabalho –, mudanças nas formas de organização doméstica e ainda controle diferenciado do orçamento são alguns dos impactos ao longo do projeto migratório.

Segundo Peres e Baeninger (2012) um dos avanços teóricos mais significativos para o estudo da migração feminina foi o reconhecimento deste fenômeno como independente de fluxos migratórios em que a mulher tem o papel de acompanhante e ainda aqueles em que a migração de mulheres faz parte de uma estratégia familiar de sobrevivência.

Marinucci (2007) afirma que as mudanças do papel da mulher em muitas sociedades, sua inserção no mercado de trabalho e o aumento do número de mulheres migrantes fizeram com que tornasse cada vez mais questionável e obsoleta a redução da mulher a agente passivo no ato migratório. Contudo, em relação à migração para o trabalho, “a migração feminina depende do tipo de emprego que o mercado de trabalho local oferece” (Marinucci, 2007, p. 8).

Conceitualizar o fenômeno da migração feminina é falar que houve um grande fluxo migratório de mulheres de diversas nacionalidades para o Brasil,

a feminização das migrações no Brasil, portanto, é um fenômeno social que se inicia a partir de 2015 e vem se consolidando nos últimos anos um crescente número de mulheres adentrando as fronteiras nacionais e se estabelecendo no mercado de trabalho, com exceção do ano de 2020 e parte de 2021, quando a pandemia de Covid-19 afeta de forma brusca a mobilidade das imigrantes (Oliveira; Tonhati, 2022, p. 9).

Tonhati e Pereda (2021) mostram que dentro desse cenário, podemos afirmar que na década de 2011 a 2020, se inaugura no Brasil um processo de feminização das migrações, ou seja, vivenciamos um aumento no número de chegadas de imigrantes mulheres e sua inserção laboral.

Além desta questão significativa e particularizando o Brasil, vemos sobre este fluxo que se caracteriza por mulheres “jovens, com nível de instrução de ensino médio completo, provenientes dos países do Sul Global (haitianas, venezuelanas, cubanas e paraguaias), que estão em busca de emprego” (Tonhati; Pereda, 2021, p.182).

Os primeiros movimentos marcados pela migração com grande fluxo de mulheres no Brasil iniciaram em 2011, “foram registrados no SisMigra um total de 74.339 imigrantes, sendo 24.262 mulheres (32,6%)”(Oliverira; Tonhati, 2022, p. 10). Mais adiante com o passar de dez anos em 2021, “foram contabilizados um total de 151.155 imigrantes, sendo 67.772 registros de mulheres que correspondiam a 44,8% dos imigrantes registrados” (Oliveira; Tonhati, 2022, p.11).

Nas palavras de Tonhati e Pereda (2021) em termos dos registros de imigrantes mulheres, junto a Polícia Federal, foi possível observar também um crescimento constante na década, iniciando com 9.765 registros em 2011 e finalizando em 2019 com 66.441. O número total de registros da década foi de 299.504 de mulheres e 429.933 de homens.

Com certeza é notável este crescimento dentro do Brasil, sobre a chegada de mulheres migrantes, presumindo que “as venezuelanas estão em primeiro lugar na soma das solicitações de refúgio na série estudada (2011 a 2020)”. (Tonhati; Pereda, 2021, p. 161), ou até mesmo de refúgio, além delas, as crianças e adolescentes,

os registros administrativos voltados à gestão da imigração no Brasil apontam de forma incontestável o crescimento na participação absoluta e relativa de mulheres, crianças e adolescentes entre solicitantes de residência, solicitantes de reconhecimento da condição de refugiada/o e refugiada/a (Oliveira; Tonhati, 2022, p. 20).

A partir dos dados apresentados, procuramos nos aproximar do contexto migratório venezuelano, visto que

as venezuelanas, por sua vez, tiveram dois picos de entradas distintos, o primeiro em 2014, quando houve a entrada de 41.880, 36% a mais que em 2013 e o segundo e mais expressivo pico de entrada foi nos anos de 2018 (104.481) e 2019 (115.362) (Tonhati; Pereda, 2021, p. 159).

É destacado que no período de 2018 até 2021, mesmo com a situação da pandemia no Brasil, houve um grande deslocamento de migrantes da Venezuela para o Brasil, “2018 houve grande volume de registro, destacando-se, verticalmente as venezuelanas” (Oliveira; Tonhati, 2022, p. 12).

Senhoras (2019) contribui para o entendimento da situação vivenciada pela Venezuela, e coloca que o país se encontra em um estágio latente de aguda crise, a qual tende a continuar e se agravar com o próprio tempo, impulsionando novos vetores de conflitos políticos e de ampliação do êxodo migratório.

Pensando na Venezuela, Wendling, Nascimento e Senhoras (2021, p. 2) “[...] os deslocamentos migratórios venezuelanos no mundo mostrando que o fluxo de imigrantes oriundos da Venezuela, na América Latina, se centraliza na Colômbia, Peru, Equador, Chile, Brasil e Argentina”. É descrito que, “os principais fatores que motivaram a migração no território sul-americano, é em virtudes de conflitos, adversidades econômicas e hostilidades no país de origem” (Wendling; Nascimento; Senhoras, 2021, p. 2).

Wendling, Nascimento e Senhoras (2021, p. 3) trazem que a crise na Venezuela tem origem nas crises governamentais (política e social) de Hugo Chávez por volta do ano de 2010, em virtude da crise do petróleo e dos altos índices inflacionários e pela crise econômica e humanitária do governo de Nicolas Maduro, que culminou no maior fluxo migratório da história da Venezuela com mais de 4,2 milhões venezuelanos pela América Latina. Isto seria um dos fatores iniciais para a precarização que aconteceu dentro do país.

Para falar um pouco sobre as origens desta crise econômica e política, que se desdobra na Venezuela, vamos reparar que,

a pedra fundamental do embargo econômico contra a Venezuela foi criada em 2014, com a Lei 113-278, aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos (EUA), que proíbe todas as empresas estadunidenses, ou estrangeiras que tenham negócios no país, de realizar transações e negociações com o Estado venezuelano (Rodrigues, 2019).

Rodrigues (2019) expõe que no ano de 2019, o governo dos Estados Unidos editou sete decretos executivos e uma Lei para impor bloqueios e sanções contra o país. Como numa guerra, cada nova medida criada buscava fechar meticulosamente as portas por onde a Venezuela pudesse tentar reverter, ou amenizar, os efeitos dos

embargos anteriores. Vaz (2017) indica que houve crescente deterioração da condição econômica, com fortes desequilíbrios macroeconômicos, no setor externo e forte desestruturação no plano microeconômico; o aprofundamento e a generalização da crise social que tem como expressão mais evidente os elevados indicadores de criminalidade e violência.

Rodrigues (2019) traz que a principal impactada com as restrições impostas é a população venezuelana, e é claro pensando nas camadas mais pobres, por conta da disparada da inflação, falta de recursos para os serviços públicos e programas sociais do governo.

Diante todas as casualidades da Venezuela, vamos perceber que logo após isso, o cenário de migração se estendeu gradativamente, e vemos grande parte destes imigrantes entrando no Brasil. No Brasil, a fronteira da Venezuela com Roraima e Amazonas, faz com que grande parte destes migrantes se localize nesses estados, mas, em Roraima está a maior concentração de imigrantes venezuelanos, onde também se localizou a *Operação Acolhida*.

Para o atendimento de venezuelanos dentro do Brasil, foi desenvolvida uma ação junto ao Exército Brasileiro, para organização da recepção deste público. A *Operação Acolhida* foi criada diante da ampliação de migrantes na fronteira, tendo por objetivos “repcionar, identificar, triar, imunizar, abrigar e interiorizar imigrantes em situação de vulnerabilidade (desassistidos), decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária” (Cruz Júnior, 2019, p. 440).

Como pode ser observado, a migração venezuelana trouxe mudanças ao cenário migratório brasileiro, “a partir de 2019, com a intensificação dos fluxos de venezuelanos, essa nacionalidade passa a ditar o comportamento da imigração, predominando em volume e participação relativa, além de reconfigurar a distribuição espacial dos imigrantes[...]” (Oliveira; Tonhati, 2022, p.13). A seguir, realizamos aproximações a presença de migrantes venezuelanas em Londrina/PR.

3 VENEZUELANAS NA REGIÃO NORTE DE LONDRINA/PR

As mulheres que foram selecionadas para esta pesquisa são acompanhadas pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Norte B que atende doze bairros da região (Conjunto Novo Amparo, Ocupação Novo Amparo 1, Ocupação

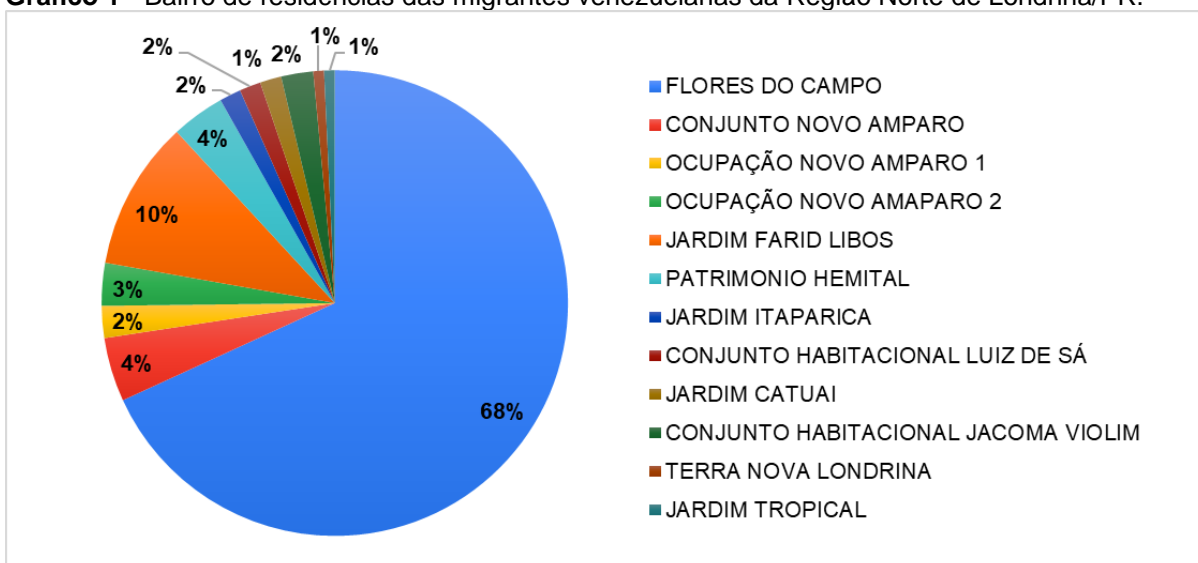
Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Novo Amparo 2, Ocupação Flores do Campo, Jardim Farid Libos, Patrimônio Heimtal, Jardim Itaparica, Conjunto Habitacional Luiz de Sá, Jardim Catuaí, Conjunto Habitacional Jacoma Violim, Terra Nova Londrina, Jardim Tropical), cabe destacar que grande parte do público migrante, reside nesta região da cidade de Londrina.

Os dados coletados sobre estas mulheres fazem parte do sistema IRSAS. Para a identificação das informações das participantes no sistema, foram usados os filtros: 'mulheres'; 'refugiada'; venezuelana e 'zona norte B'. A partir do processo descrito, foram identificadas 178 mulheres. As informações coletadas foram: bairros de residência; escolaridade; composição familiar (os membros da família) e suas rendas familiares e per capita. A sistematização dessas informações foi apresentada em gráficos.

Temos como primeira exposição, no Gráfico 1, os bairros de residência. O gráfico apresenta os dados, de acordo com os nomes dos bairros e as porcentagens de mulheres migrantes nas localizações.

Gráfico 1 - Bairro de residências das migrantes venezuelanas da Região Norte de Londrina/PR.



Fonte: IRSAS (2023).

Nota: Dados sistematizados pela autora.

Podemos perceber a partir das informações que 68% delas residem na Ocupação do Flores do Campo⁶, assim inferimos que significativa parcela das

⁶ O Flores do Campo virou sinônimo de violência e bandidagem no imaginário do londrinense. O estigma, que em outras épocas marcou bairros como o União da Vitória e o Novo Amparo, agora recai sobre os moradores da ocupação da Zona Norte. Discriminação e preconceito são queixas mais recorrentes no local que a própria falta de infraestrutura (Bortolin; França, 2022).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

mulheres reside em condições que não são de fácil acesso, por conta do cenário em que a ocupação se encontra. Para podermos descrever um pouco melhor sobre esta Ocupação vamos encontrar que “a infraestrutura local é muito precária. Não há asfalto, nem serviços básicos como escola, saúde, coleta de lixo e transporte público (Bortolin; França, 2022). A Ocupação Flores do Campo localizada na região norte do município, é cenário de diversas problemáticas e têm concentrado a maioria das famílias migrantes.

Refletindo um pouco sobre essas questões, Ramos e Dias (2020) afirmam que migrantes tendem a concentrar-se, muitas vezes em bairros com parca infraestrutura, zonas degradadas e suburbanas, sem condições adequadas de habitabilidade e higiene, em alojamentos sobrelotados, isolamento e de exclusão social. Para além disso vemos que “esses bairros e zonas degradadas são, em geral, marcados por estigma e isolamento geográfico, social e simbólico face ao resto da cidade” (Ramos; Dias, 2020, p. 460).

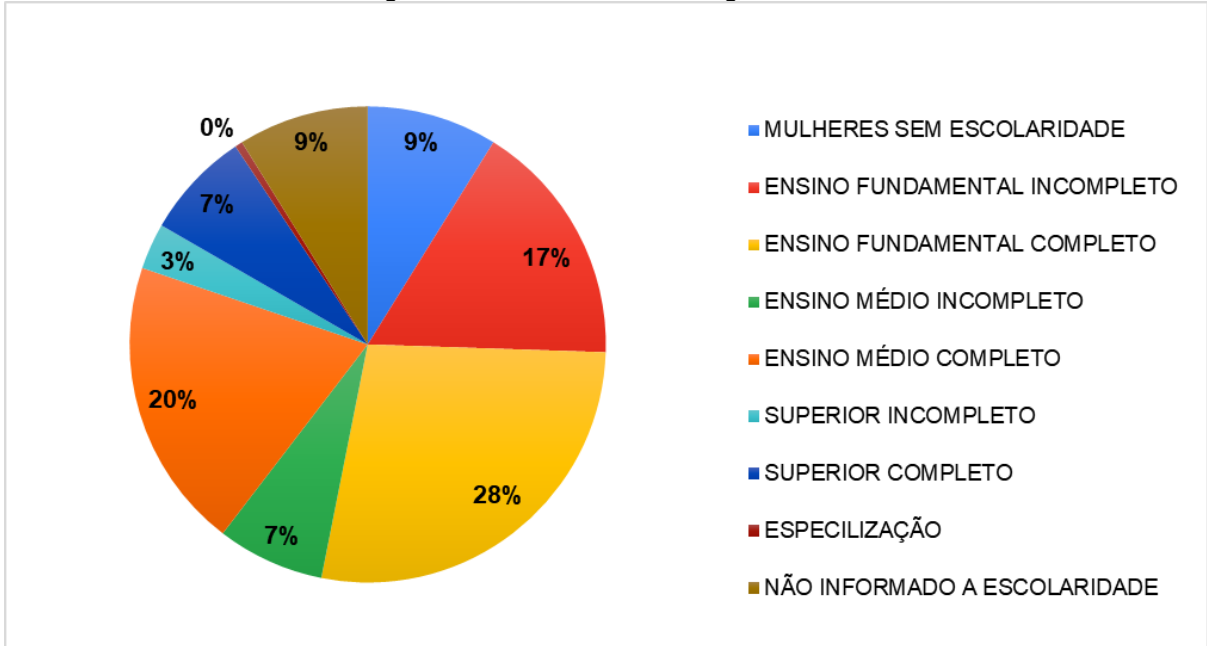
Dando sequência a este debate vamos nos deparar também com relatos de moradores da Ocupação Flores do Campo,

[...] aqui é muito melhor. Na Venezuela, a gente passava fome, não tinha escola para os filhos, não tinha direito à saúde, não tinha medicamento”, conta Bárbara Corina, que chegou à cidade há pouco mais de um ano e trabalha com carteira assinada como faxineira numa clínica veterinária (Bortolin; França, 2022).

Mesmo que o estado em que vivem muitas dessas mulheres na Ocupação seja precário, é possível refletir que consideram ser melhor do que viver no país em que viviam. Relembrando Senhoras (2019), a crise econômica e política se aprofunda na Venezuela, de modo que gerou uma grave crise social, com claro efeito de agravamento da violência, aumento da pobreza e crescente migração internacional de venezuelanos.

O Gráfico 2 apresenta o nível de escolaridade. Para descrever essas informações os níveis são: Mulheres sem Escolaridade, Ensino Fundamental Completo e Incompleto, Ensino Médio Completo e Incompleto, Superior Completo e Incompleto, Especialização e Escolaridade não informada.

Gráfico 2 - Escolaridade das migrantes venezuelanas da Região Norte de Londrina/PR.



Fonte: IRSAS (2023).

Nota: Dados sistematizados pela autora.

A partir do exposto no Gráfico 2 vemos que a maioria das migrantes tiveram acesso à educação escolarizada. Refletindo sobre a questão da escolaridade percebemos que há “um crescimento no número de registros de mulheres imigrantes com diferentes níveis de escolaridade” (Baeninger; Demétrio; Domeniconi, 2021, p. 22).

Observando o Gráfico 2, vamos perceber também que a maior porcentagem sendo 28% são de mulheres que possuem o ensino fundamental completo, e que 20% possuem ensino médio completo, é notável que a maioria dessas mulheres passaram por este processo de ensino em seu país. Além desses números significativos, temos também mulheres com o ensino superior completo sendo elas 9%. A maioria das mulheres que chegam ao Brasil, e possuem o ensino superior completo sempre buscam pela revalidação do seu diploma.

Para darmos continuidade nesta exposição, vamos retratar sobre a composição familiar dessas mulheres, no Gráfico 3 vemos que esta refere-se ao número de membros da família que convivem no mesmo domicílio.

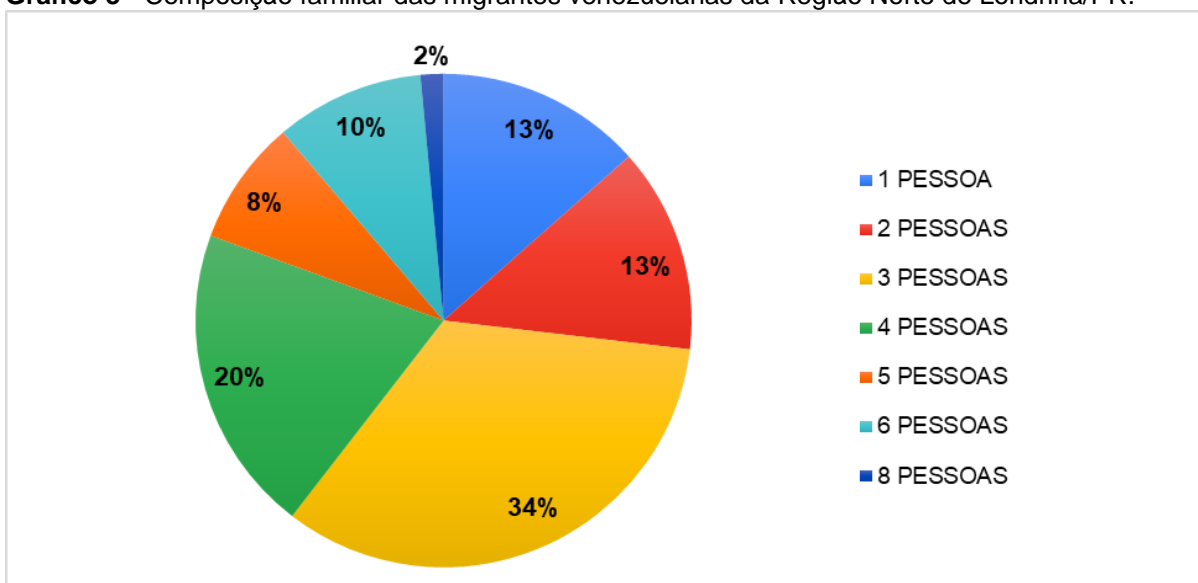
Podemos verificar nas porcentagens a seguir que 40% dessas mulheres possuem 4 ou mais pessoas no mesmo domicílio. E talvez relembrar o fato da estrutura do local de moradia dessas mulheres,

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

estima-se que 500 famílias vivam atualmente na ocupação, cujas casas estavam em diferentes estágios quando as obras foram paralisadas. Há unidades praticamente acabadas e outras que ainda nem contam com reboco e janelas (Bortolin; França, 2022).

Averiguamos então que pensando no abandono do local pela própria cidade, vemos que é difícil quando as famílias possuem mais membros mediante as condições do local. “[...] afirma Ana Tércia “Não tem como vir do trabalho de ônibus à noite, atravessar o matagal para chegar em casa. É muito perigoso”, reclama ela, que foi uma das primeiras a ocupar o local[...].” (Bortolin; França, 2022).

Gráfico 3 - Composição familiar das migrantes venezuelanas da Região Norte de Londrina/PR.



Fonte: IRSAS (2023)

Nota: Dados sistematizados pela autora.

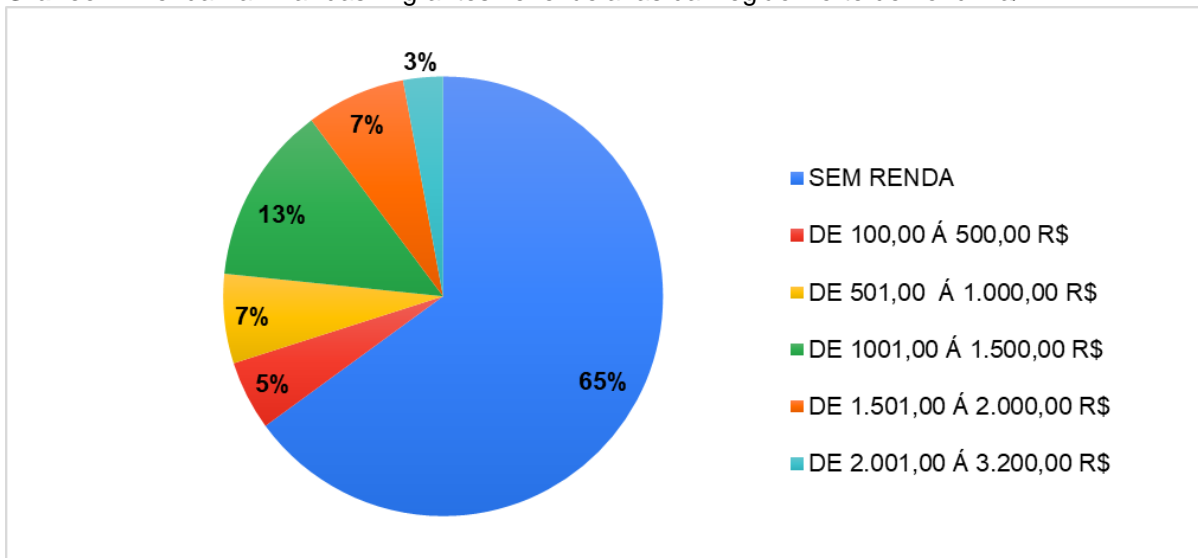
Refletindo sobre os membros das famílias que acabam vindo também ao encontro de seus familiares, e pensando na reunião familiar como também grande objeto das trajetórias migratórias, o “planejamento do ciclo de vida, tanto individual quanto familiar é a questão central que define as trajetórias migratórias” (Peres; Baeninger, 2012, p. 7). Baeninger, Demétrio e Domeniconi (2022) discorrem sobre alguns amparos legais que foram importantes para a concessão de vistos a imigrantes venezuelanos entre 2016-2017, tais como as regularizações por reunião familiar, internacionalização acadêmica e por trabalho em empresas estrangeiras.

Acerca da composição familiar, Ramos e Dias (2020) ressaltam que indivíduos e famílias abandonam a sua região ou terra natal e redes familiares, emigrando de

seu país de nascimento ou região para outras localidades, e fazem isto como estratégia para enfrentar a pobreza e violência.

As próximas descrições estão interligadas, vemos nos Gráficos 4 e 5 sobre a renda familiar e renda per capita, que mostram dados socioeconômicos dessas mulheres. Lembrando que Tonhati e Oliveira (2022, p. 20) contribuem à reflexão indicando que mulheres migrantes necessitam de políticas específicas, sobretudo na geração de trabalho e renda, saúde e educação.

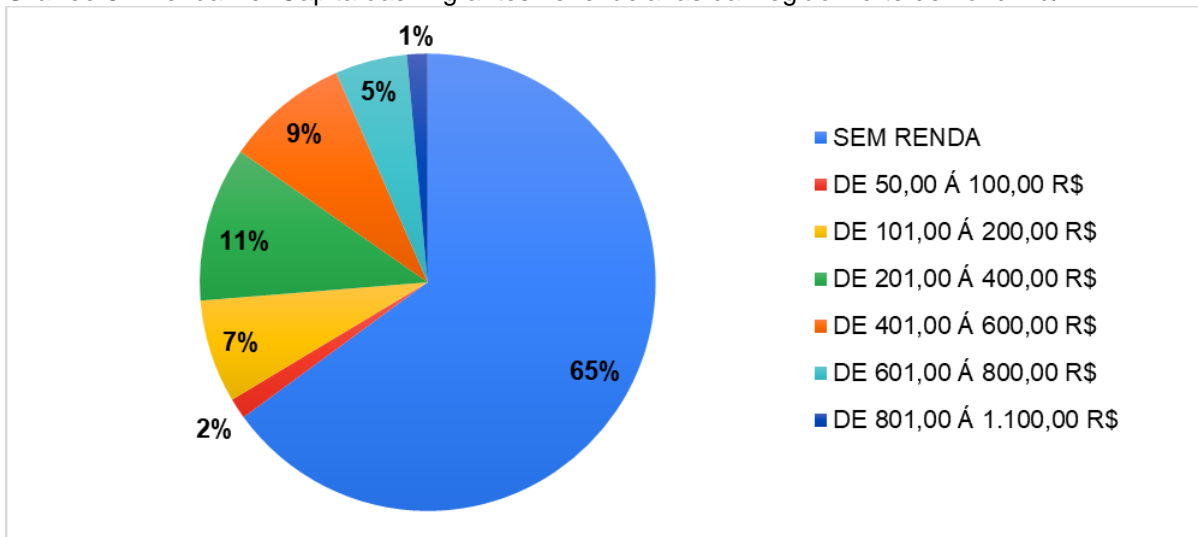
Gráfico 4. Renda Familiar das migrantes venezuelanas da Região Norte de Londrina/PR.



Fonte: IRSAS (2023).

Nota: Dados sistematizados pela autora.

Gráfico 5 - Renda Per Capita das migrantes venezuelanas da Região Norte de Londrina/PR.



Fonte: IRSAS (2023).

Nota: Dados sistematizados pela autora.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Os Gráficos 4 e 5 nos apontam sobre as rendas familiar e per capita dessas mulheres, e é notável os 65% de mulheres que não possuem renda nenhuma, e claro correlacionando sobre as condições que a maioria dessas mulheres passaram e como “na Venezuela, a piora das condições de vida empurrou para a fronteira norte brasileira uma população empobrecida” (Baeninger; Demétrio; Domeniconi, 2022, p. 78).

Fazendo a relação de como essas mulheres buscaram em outro país a sobrevivência, buscando melhores condições de vida, vemos que talvez seja porque em seu país, as experiências tenham sido de passar necessidades, fazendo com que a maioria migrasse.

Relembrando as crises, particularmente da Venezuela, vemos que estes 65% dessas mulheres que chegaram ao Brasil não possuíam nenhum tipo de renda, e buscaram maneiras para resistir a tantas dificuldades, e encontraram no Brasil uma forma de resistência e estabilidade.

A renda é uma necessidade fundamental, e observar que 65% dessas mulheres não possuem nenhum meio de renda fixa é enxergar uma expressiva situação de desproteção social.

A busca por trabalho também é um dos fatores que circulam a questão da renda, e ser uma mulher migrante exige o enfrentamento de diversas barreiras, principalmente em relação às condições de trabalho. Além disso, Tonhati e Oliveira (2022) trazem para a reflexão que as mulheres imigrantes se inserem cada vez mais no mercado de trabalho formal no país e, na maioria das vezes, as ocupações que exercem demandam longas jornadas de trabalho com baixa remuneração.

Observando que majoritariamente as mulheres não possuem renda, refletimos a partir de Villen (2015), a qual ressalta que o imigrante se insere em um quadro ainda mais vulnerável do que o contido no trabalho informal, com efeitos mais amplos também na vida social, pensando no processo da sua chegada ao Brasil e nas discriminações sofridas até sua tentativa de estabilidade no país. A busca pela estabilidade é cercada de desafios para os migrantes quando se trata de uma nova forma de vida e integração em uma sociedade que não é a sua, estando distante de sua cultura e de seu país de nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo identificar as condições socioeconômicas das migrantes venezuelanas residentes na Zona Norte de Londrina/PR. A partir disto os estudos realizados tiveram a intenção de ampliar o entendimento acerca dos fluxos migratórios contemporâneos e a migração feminina.

Em relação às condições socioeconômicas das migrantes venezuelanas residentes na região norte de Londrina/PR, podemos perceber que a maioria das mulheres passaram pelo processo de escolarização em seu país, mostrando os diferentes graus de escolaridade. Também se encontra o local de residência das mulheres migrantes que se concentram na região norte de Londrina/PR, sendo identificado que a expressiva maioria reside na da Ocupação Flores do Campo, pois fazem parte de uma população empobrecida, pensando que a trajetória de migração é de mulheres que vem de um país em crise, e acabam chegando sem recursos, e precisam se reconstruir no novo país.

Entendemos então que as mulheres buscam com a migração melhorias em suas condições socioeconômicas. Uma vez que, a migração se dá mediante ao esgotamento de oportunidades e possibilidades em seus países de nascimento. Assim, traçam um projeto migratório tendo como direção uma vida digna. É notável, portanto, que a migração feminina é um fenômeno complexo que envolve diversas questões, tanto sociais quanto econômicas e políticas.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R. Migrações transnacionais de refúgio no Brasil. *In*: LUSI, C. **Migrações Internacionais: abordagens de direitos humanos**. Brasília: CSEM, 2017. p. 13-29.

BAENINGER, R.; DEMÉTRIO, N. B.; DOMENICONI, J. O. S. Mulheres nas migrações internacionais no Brasil: evidências empíricas para o debate. *In*: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, TRABALHO E GÊNERO, 12., 2021, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-gts-abep/abep-encontro-migracoes-2021/trabalhos/mulheres-nas-migracoes-internacionais-no-brasil-evidencias-empiricas-para-o-deba?lang=pt-br>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BAENINGER, R.; DEMÉTRIO, N. B.; DOMENICONI, J. O. S. Migrações dirigidas: estado e migrações venezuelanas no Brasil. **Revista Latinoamericana de**

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Población, Ciudad de México, v. 16, n. 30, p. 65-93, 2022. Disponível em: <https://revistarelap.org/index.php/relap/article/view/6/49>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BORTOLIN, N.; FRANÇA, C. Estigma dificulta vida de moradores do Flores do Campo. **Rede Lume de Jornalistas**, Londrina, p. 1, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://redelume.com.br/2022/06/20/estigma-moradores-flores-do-campo/>. Acesso em: 1 maio 2023.

COSTA, M. M. M.; SCHWINN, S. A. Desafios às políticas públicas no campo da violência de gênero contra mulheres migrantes e refugiadas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 14., 2017, Santa Cruz do Sul. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/view/17719>. Acesso em: 28 mar. 2023.

CRUZ JÚNIOR, S. J. A operação acolhida e a imigração venezuelana em Roraima. **Pensar Acadêmico**, Manhuaçu, v. 17, n. 3, p. 430-447, set./dez. 2019. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1133>. Acesso em: 19 abr. 2023.

DUTRA, D. **Migração internacional e trabalho doméstico**: mulheres peruanas em Brasília. Brasília: CSEM; Sorocaba: OJM, 2013.

FIALKOW, J. C. Migração internacional contemporânea: principais processos. **Panorama Internacional**, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 8-11. 2016. Disponível em: <http://panoramainternacional.fee.tche.br/wp-content/uploads/2016/06/20160613panorama-ano-01-numero-03.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

LISBOA, T. K. Gênero e migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [S. l.], v. 14, n. 26/27, 2006. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/39>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LONDRINA. Portal da Prefeitura de Londrina. **IRSAS**. Londrina, 2019. Disponível em: <https://portal.londrina.pr.gov.br/menu-oculto-assistencia/irsas>. Acesso em: 13 jun. 2023.

MARINUCCI, R. A feminização das migrações. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [S. l.], v. 15, n. 29, p. 5-22. 2007. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/issue/view/4>. Acesso em: 07 fev. 2023.

OLIVEIRA, T.; TONHATI, T. Mulheres, crianças e jovens na migração internacional no Brasil. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). **Relatório Anual**

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

OBMigra 2022. Brasília: OBMigra, 2022. p. 8-35.

PATARRA, N. L.; FERNANDES, D. Brasil: país da imigração. **RILP, Revista Internacional em Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 24, 2011. Disponível em: <https://aulp.org/publicacoes-rilp-24/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PERALVA, A. **Projeto nova agenda para coesão social na democracia na América Latina**: globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00480901>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PERES, R. G.; BAENINGER, R. Migração Feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 18., 2012, Águas de Lindóia. **Anais [...]**. Águas de Lindóia: ABEP, 2012. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1982>. Acesso em: 23 fev. 2023.

QUINTANILHA, K.; SEGURADO, R. Migração forçada no capitalismo contemporâneo: uma análise dos fluxos e da nova Lei de Migração no Brasil em crise. *In*: BAPTISTA, D. M. T.; MAGALHÃES, L. F. A. (org.). **Migrações em expansão no mundo em crise**. São Paulo: EDUC, 2020. p. 85-115.

RAMOS, M. N. P.; DIAS, M. J. S. MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS E FEMINIZAÇÃO: impactos e desafios para as políticas públicas e para a integração nas cidades. **Revista de Políticas Públicas**, São Luis, v. 24, p. 456–473, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/15157>. Acesso em: 23 fev. 2023.

RODRIGUES, F. Como o bloqueio imposto pelos Estados Unidos afeta a vida dos venezuelanos. **Brasil de Fato**, Caracas (Venezuela), p. 1, 3 jul. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/03/como-o-bloqueio-dos-estados-unidos-afeta-a-vida-dos-venezuelanos>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ROSSINI, R. E. A Migração como Expressão da Crescente Sujeição do Trabalho ao Capital. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDO POPULACIONAIS, 5., 1986. Águas de São Pedro. **Anais [...]**. Águas de São Pedro: ABEP, 1986. Disponível em: www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/378/365. Acesso em: 4 ago. 2022.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUsp, 1998.

SENHORAS, E. M. Venezuela em rota de colisão: da estabilidade à crise. **Jornal Roraima em Foco**, [S. l.], p. 1-6, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://works.bepress.com/eloi/530/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

SILVA, G. J. Refúgio no Brasil: 25 anos da Lei 9747/1997. *In*: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). **Relatório Anual OBMigra 2022**. Brasília: OBMigra, 2022. p. 36-68.

TONHATI, T.; PEREDA, L. A feminização das migrações no Brasil: a inserção laboral das mulheres imigrantes (2011-2020). *In*: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). **Relatório Anual OBMigra 2021**. Brasília: OBMigra, 2021. p. 155-184.

VAZ, A. C. A crise venezuelana como fator de instabilidade regional: perspectivas sobre seu transbordamento nos espaços fronteiriços. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército : Análise Estratégica**, v. 3, n. 3, p. 1-7, 2017. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEExAE/article/view/1171>. Acesso em: 19 abr. 2023.

VILLEN, P. O estigma da ameaça ao emprego pelos periféricos na periferia: crise e imigração no Brasil. **RUA**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 247-264, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8642466>. Acesso em: 9 out. 2022.

VILLEN, Patrícia. Impactos da crise na migração internacional no Brasil. *In*: BAPTISTA, D. M. T.; MAGALHÃES, L. F. A. (org.). **Migrações em expansão no mundo em crise**. São Paulo: EDUC, 2020. p. 41-59.

WENDLING, K. C. S.; NASCIMENTO, F. L.; SENHORAS, E. M. A crise migratória venezuelana. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 8, n. 24, p. 01-14, 2021. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/500>. Acesso em: 19 abr. 2023.